

## AS MUITAS FACES DE DEUS

*De forma crescente, homens e mulheres de várias partes do mundo têm descoberto e desenvolvido maneiras próprias de fazer teologia, a partir de suas culturas e modos de ver a realidade.*

*CONTEXTO PASTORAL dá continuidade à reflexão sobre as teologias da libertação e reproduz uma coletânea de textos publicados sobre a teologia que tem sido produzida em regiões do Terceiro Mundo como Índia, África e América indígena.*

**ANÁLISE** — Páginas 5 a 8

### Por uma presença ecumênica e serviço

As páginas 3 e 11 registram cobertura completa sobre a fundação de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, uma das instituições herdeiras do CEDI, que vive o processo de multiplicação.

### A caminho da 1ª Jornada Ecumênica

CONTEXTO PASTORAL divulga novos detalhes sobre a preparação desse importante evento para o movimento ecumênico no Brasil. Israel Batista, pastor cubano, integrante da Unidade III do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), visitou o Brasil em maio e falou sobre as expectativas para a Jornada. A equipe de assessores das nove oficinas já está confirmada.

**NOTAS** — Página 4

### Revolução da mentira

O resgate de uma história, há bem pouco tempo proibida e ignorada — o Golpe de 64 e a ditadura militar brasileira — proporciona o conhecimento do testemunho de muitos cristãos que viveram aqueles anos turbulentos.

**MEMÓRIA** — Página 12

### Debate

#### Um grande assalto ao patrimônio público

O Suplemento *Debate* apresenta o tema da privatização, com dados e análises sobre os prejuízos para a soberania dos países e para a imensa maioria da população.



## As muitas faces de Deus

*O vento sopra onde quer, ouve-se a sua voz mas não se sabe de onde vem nem para onde vai...*

João 3.8

*O vento do Espírito, que sopra nos quatro cantos do mundo, tem inspirado homens e mulheres ao longo do tempo a refletirem sobre a presença e ação de Deus — fazer teologia. Mas ele sopra onde quer e como quer... Esse movimento do vento inspira diferentes formas de refletir e agir teologicamente, em especial, olhar a realidade, o jeito de falar e viver, as utopias — enfim, olhar a cultura.*

*Por um longo período, os jeitos de fazer teologia estavam vinculados à predominância do Primeiro sobre o Terceiro Mundo capitalista, ou do Norte sobre o Sul. Pensava-se Deus com a cabeça e o corpo do branco, do rico, do puro. Muito se fez para bloquear a ação do Vento. Inútil. Não se sabe de onde vem nem para onde ele vai, e seu sopro mais forte impeliu asiáticos, africanos, latino-americanos, indígenas, negros, mulheres, diferentes raças, gêneros e culturas a pensar e mostrar as várias faces do Deus que é libertador de todos e todas.*

*CONTEXTO PASTORAL dá continuidade à reflexão iniciada em 1993 com os números sobre "Teologia Feminina" e "Teologia Negra" e publica reproduções de artigos produzidos sobre o fazer teológico em diferentes partes do Terceiro Mundo. O conjunto de textos foi organizado pela equipe da Documentação do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI e pelo assessor Zwinglio Dias.*

*CONTEXTO PASTORAL também destaca a fundação de Koinonia — Presença Ecumênica e Serviço, instituição que nasce como fruto do processo de multiplicação do CEDI e que busca reafirmar o rosto mais visível da comunidade diaconal e o compromisso radical com o ecumenismo.*

*O Suplemento DEBATE continua a abordagem sobre o neoliberalismo na América Latina, desta vez com o tema das "Privatizações" e seu vínculo com a corrupção. É mais uma contribuição às igrejas no seu desafio de proclamar Deus num mundo sem coração.*

Editorial



**CONTEXTO PASTORAL**

Publicação bimestral do  
Centro Evangélico  
Brasileiro de Estudos  
Pastorais — CEBEP  
(Rua Rosa de Gusmão, 543  
— 13073-120, Campinas/SP.  
Tel. e fax 0192-41-1459) e  
do Centro Ecumênico de  
Documentação e  
Informação — CEDI  
(Rua Santo Amaro, 129 —  
22211-230, Rio de  
Janeiro/RJ.  
Tel. 021-224-6713 e  
fax 021-221-3016)

**Editores**  
Luiz Carlos Ramos  
Magali do Nascimento Cunha

**Editores assistentes**  
Carlos Cunha  
Paulo Roberto Salles Garcia  
(MTb 18.481)

**Diagramação**  
Anita Slade

**Fotolito e impressão**  
Tipológica Comunicação  
Integrada

**Conselho editorial**  
José Bittencourt Filho  
Marcos Alves da Silva  
Paulo Roberto Rodrigues  
Rafael Soares de Oliveira

**Tiragem**  
10 mil exemplares

**Preço do exemplar avulso**  
0,5 URV

**Assinatura anual**  
5 URVs

**Assinatura de apoio**  
6 URVs

**Exterior**  
US\$ 15,00

Os artigos assinados não  
refletem necessariamente  
a opinião do jornal.

### Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Uma publicação conjunta do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Assinatura anual: 5 URVs  
Assinatura de apoio: 6 URVs  
Exterior: US\$ 15,00  
Número avulso: 0,5 URV

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP), devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral — Rua Rosa de Gusmão, 543, Jardim Guanabara, 13073-120, Campinas/SP.

## CARTAS

Escreva para CEBEP — Rua Rosa de Gusmão, 543, 13073-120, Campinas, SP — ou CEDI — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ.

(...) Tive a oportunidade de conhecer, na primeira remessa de CONTEXTO PASTORAL que enviaram-me, o Suplemento Debate, e fiquei bastante impressionado com os temas, a profundidade e a qualidade exibidos nos artigos, pois, em verdade, posso dizer que vocês formaram uma seleção de especialistas para escrever os artigos e reforçar a qualidade do trabalho do CEDI e do CEBEP.

Novamente parabeno a vocês pelo brilhante e sério trabalho que fazem na construção do Reino de Deus, através dessa literatura profética em solidariedade com os pobres e oprimidos. (...)

**Arnor Vanderlei do Couto**  
Rio de Janeiro/RJ

Prezados senhores,

Hoje me caiu em mão novamente CONTEXTO PASTORAL, que já queria ter assinado há mais tempo, mas passou. É uma excelente publicação, com os encartes interessantíssimos, além de seu precioso conteúdo.

Foi oportuna a divulgação da 1ª Jornada Ecumênica, pois não sabia da mesma. Vou participar, uma vez que coordeno a Educação Religiosa das escolas estaduais, e o ensino religioso em Santa Catarina é ecumênico.

Estou enviando cheque nominal com o pedido de duas assinaturas de CONTEXTO PASTORAL.

Agradeço antecipadamente desejando pleno êxito em seu empenho em prol do nosso maior entendimento e vivência como igrejas cristãs.

**Irmã Zulmira Estivaleta da Silva**  
Lages/SC

Prezados amigos,

Durante este tempo recebemos o jornal CONTEXTO PASTORAL que traz constantemente bons artigos, levando a reflexões bem profundas. Os encartes são muito bons!

Desejo fazer uma assinatura do mesmo. (...) Agradecendo-lhe antecipadamente pela atenção, desejo-lhes o maior sucesso nesse empreendimento de santa utilidade, sobretudo para crescermos ecumenicamente.

**Lygia Constantino da Silva**  
Nova Timblotena/PA

Saudações, irmãos do CONTEXTO PASTORAL,

Enviamo-lhes esta carta, parabenizando vocês pelo trabalho que há muito tempo estão fazendo. A intenção desta carta é pedir informações sobre a XIV Semana de Atualização Teológica (SAT). Agradeço sua atenção.

**Madson Jesus da Silva**  
Joinville/SC

Prezados amigos e irmãos,

Pela presente, comunico nosso novo endereço. Aproveito para parabenizar o jornal CONTEXTO PASTORAL pela excelente qualidade de seus artigos e pela eficiente comunicação com o público leitor.

**Rev. Dari Trisch Knevit**  
Pelotas/RS

# RESGATANDO O SENTIDO COMUNITÁRIO DO TESTEMUNHO ECUMÊNICO

ENTREVISTA COM ANIVALDO PADILHA  
Por Paulo Roberto Salles Garcia

Em abril passado, foi constituída KOINONIA—Presença Ecumênica e Serviço. A nova entidade é resultado da decisão do CEDI de transformar seus Programas em organizações autônomas, e val aglutinar os Programas de Assessoria à Pastoral (Pp) e Movimento Camponês/Igrejas, o Projeto Especial de Dívida Externa e a revista "Tempo e Presença". Para falar sobre KOINONIA, o líder ecumênico metodista, Anivaldo Padilha, eleito secretário-geral, concedeu a seguinte entrevista exclusiva.

*Em 1965, na fundação do CEI, a conjuntura do País estava marcada por medo e perseguição, mas o entusiasmo era maior. Hoje, com KOINONIA, a situação é a mesma?*

Sim. O entusiasmo continua, mas, talvez, de forma diferente. Em 1965, a conjuntura era marcada pelo medo e pelo terror do regime autoritário. Entretanto, a comunidade que se formava em torno do Centro Evangélico de Informação (CEI), que logo transformou-se em Centro Ecumênico e, em 1974, constituiu o CEDI, nos dava a todos uma sensação de confiança, pois era uma comunidade de fé que se fazia presente no meio da desesperança. Apesar de eu não fazer parte da comunidade imediata do CEI (eu era jovem e minhas atividades estavam ligadas mais ao movimento ecumênico de juventude e ao movimento estudantil), todos nos sentíamos parte da mesma comunidade que se alimentava na fé e procurava ser testemunha dos valores do Evangelho numa situação em que os direitos fundamentais da pessoa humana estavam sendo violados.

KOINONIA nasce num contexto diferente, mas não menos problemático. O terror político e policial não existe mais, mas a situação é mais grave do que há trinta anos. Hoje vivemos sob o domínio de um modelo econômico totalmente excludente que reduz à condição de objetos descartáveis a maioria do povo brasileiro. No entanto, os mecanismos de exclusão sistêmica estão encobertos por uma ideologia (neoliberalismo) que justifica e legitima a exclusão. O neoliberalismo não tem nenhum exemplo para mostrar que o mercado é capaz de responder às necessidades humanas e promover a felicidade

e o bem-estar de todos. No entanto, a ideologia neoliberal está conseguindo conquistar os corações e mentes das pessoas fazendo-as crer que não há outra alternativa e que o sacrifício humano, hoje, é a única forma para se chegar a um futuro de bem-estar. O neoliberalismo adquire um caráter diabólico pois consegue destruir valores como solidariedade, compaixão, amor e respeito ao próximo, imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade.

Resgatar e afirmar esses valores são tarefas muito mais difíceis do que foi a de lutar contra o autoritarismo. Por isso, nosso entusiasmo hoje é mais consciente e menos triunfalista; nasce da nossa fé e compromisso com o Reino o qual, sabemos, já está entre nós.

*KOINONIA é mais uma Entidade Ecumênica de Serviço, entre tantas outras?*

Em primeiro lugar, KOINONIA nasce já com uma história acumulada de mais de trinta anos, pois suas origens podem ser encontradas no movimento de Igreja e Sociedade (ISAL), que se desenvolveu na América Latina na década de 1950 (o CEI e posteriormente o CEDI são resultados diretos dele). Em segundo lugar, é sucessora do CEDI, fato que lhe confere uma característica particular. Finalmente, resgata o sentido comunitário do testemunho e serviço ecumênicos — a escolha do seu nome tenta refletir isso.

Estes fatores dão a KOINONIA uma característica própria; mas não lhe conferem nenhum privilégio em relação às demais entidades ecumênicas. Ao contrário, nosso interesse é estreitar e fortalecer relações com outras entidades ecumênicas a fim de identificar e desenvolver formas de cooperação.

*No projeto de KOINONIA há a presença de assessores eclesiais. Qual a razão dessa participação, e quais as atribuições desse grupo?*

A idéia de incluir no organograma assessores eclesiais é consequência natural da nossa concepção de entidade ecumênica de serviço e também da nossa compreensão do movimento ecumênico. Este tem necessariamente que manter uma tensão criativa entre movimento e instituição ou, para usar outra terminologia, entre o eclesial e o eclesialístico. Na verdade, o ecumenismo, em sua história moderna, sempre adquiriu maior vitalidade quando foi capaz de manter um equilíbrio entre essas duas dimensões. Os assessores ecle-



Eduardo Spiller

siásticos, representantes indicados oficialmente pelas igrejas, estão diretamente vinculados à Diretoria e a auxiliarão na avaliação e formulação de planos de trabalho. Isso lhes confere um papel fundamental pois nos ajudarão a responder, de forma mais positiva e dentro dos objetivos fundantes da nova entidade, às necessidades das igrejas. Nossa intenção é estabelecer uma relação orgânica com as igrejas e não um contato meramente formal, como muitas vezes ocorre.

*Entre os projetos de KOINONIA, alguns se caracterizam pela ousadia e pela novidade de abordagem, como o que diz respeito a Aids e Igrejas. Como este será desenvolvido?*

O projeto não está totalmente definido em suas linhas de implementação. Ele prevê um processo de consultas às igrejas para que, em conjunto, possamos desenvolver linhas pastorais em relação à Aids. Nossa premissa é a de que as igrejas têm um papel fundamental nos esforços de educação e de prevenção à doença, sem mencionar o trabalho pastoral com os portadores do HIV e suas famílias. As igrejas terão condições de trabalhar essas questões de forma criativa e, ao mesmo tempo, respeitando a integridade e dignidade das pessoas. Vamos assessorar as igrejas no desenvolvimento de pastorais específicas e na produção de material educativo e no treinamento de pessoas.

*Que outros projetos estão incluídos na proposta de KOINONIA?*

KOINONIA trabalhará com três unidades programáticas: Cidadania e Dignidade; Ecumenismo e Cultura; Teologia e Pastoral. Os projetos, que terão prazos de duração predeterminados, estarão alocados nessas unidades de acor-

do com a especificidade de cada um. Estamos iniciando com dez projetos, entre os quais incluem-se, por exemplo, *Egbé — o Espaço Sagrado*, que abre um diálogo com as religiões afro-brasileiras na defesa de direitos e na afirmação da diversidade e da pluralidade. O projeto promoverá também o estudo teológico das religiões afro-brasileiras com vistas a contribuir para o desenvolvimento de uma teologia negra no Brasil. *Cultura e Desenvolvimento* é outro projeto inovador que abordará a questão do desenvolvimento e das políticas públicas a partir das culturas locais e da sociodiversidade.

*Numa conjuntura internacional marcada pela proposta neoliberal, que gera individualismo, miséria, desesperança, etc., o que propõe KOINONIA?*

Teremos de trabalhar em dois níveis intimamente ligados. Por um lado, contribuir para desvendar os mecanismos invisíveis de exploração e exclusão do sistema, o que hoje ocorre em escala global. Os processos de integração como o Mercosul, Nafta, Comunidade Européia e outros integram os mercados em nível mundial e ao mesmo tempo levam à desintegração em nível nacional, exacerbando a violência e os conflitos étnicos e regionais. A questão, para nós, não é somente de caráter econômico. Temos que fazer a crítica teológica da economia e da idolatria do mercado, que nos ajudará a exercer uma postura crítica em nossas relações com os movimentos sociais.

Por outro lado, o eixo metodológico de KOINONIA é a ação sociocultural, que não se confunde nem com a ação educativa nem com a ação política. A ação cultural que propomos procura provocar as pessoas para que assumam o controle de si mesmas, criem seus próprios fins e estabeleçam condições para o desenvolvimento de um novo estilo de vida e de uma nova visão de mundo. Isso implica ter uma postura livre, libertária, questionadora e transgressora, e portadora de utopia. Essa é a única forma capaz de alterar os estados, questionar o que existe e produzir o movimento em direção ao ainda-não-conhecido. KOINONIA se propõe, portanto, a ser uma comunidade ecumênica questionadora, transgressora, empenhada na luta contra todos os tipos de totalitarismos, dogmatismos e preconceitos tanto religiosos quanto políticos.

## Cristãos argentinos eleitos para Constituinte

O teólogo metodista José Miguez Bonino e o bispo católico Jaime de Nevaes foram eleitos para integrar a Assembléia Nacional Constituinte argentina, que está em funcionamento. Os eleitores também escolheram o sacerdote Eliseo Morales para integrar a Constituinte da Província de Buenos Aires.

Os três religiosos candidataram-se pela Frente Grande, que reúne ativistas de direitos humanos, partidos de esquerda e movimentos políticos independentes, e foi consolidada como terceira força política nacional.

José Miguez Bonino foi eleito com 37,6% dos votos em Buenos Aires. O teólogo metodista é reconhecido por sua atuação na Assembléia Permanente pelos Direitos Humanos.

O bispo Nevaes, que obteve 29% dos votos, integrou a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas, para investigar violações dos direitos humanos no período da ditadura militar (1976-1983). (*Rápidas*, abril/94)

## Pizza evangélica

João de Deus Antunes, deputado federal evangélico (PPR/RS), foi absolvido pelo plenário da Câmara porque não foi atingido o número de votos suficiente para condená-lo. Antunes era um dos 18 parlamentares acusados pela CPI que apurou a corrupção na Comissão de Orçamento. (*FSP*, 18/5/94)

## Sem comentários...

A *perua de Deus* foi o título de capa da *Revista da Folha*, de 22-28 de maio de 1994. A reportagem, intitulada "Vem pra

bênção você também", fala sobre Sônia Hernandez, apresentadora do programa *Espaço Renascer*, levado ao ar de segunda a sexta-feira pela TV Manchete. A revista refere-se a Sônia como a "tele-sacerdotisa" fundadora da Igreja Renascer, que usa "chapéus, colares e pulseiras para conquistar um jovem rebanho", com frases do tipo "Deus é uma coisa quentinha, muito gostosinha". O "Espaço Renascer" é a parte vistosa de um negócio milionário que encanta jovens fiéis. Eles chacoalham em cultos-shows, cantam rock, oram com gírias, compram "roupas, discos e produtos *gospel*" e acreditam que Jesus "dá a maior força pra galera".

## Cristãos x fome

Duas crianças morreram de fome na cidade de Campinas (SP) em abril. Este fato é a expressão local dos seis milhões de crianças brasileiras afetadas pela desnutrição.

Desafiados por esta realidade, cristãos de onze denominações religiosas da cidade criaram o "Comitê de cristãos pela cidadania, contra a fome e a favor da vida".

O Comitê promove arrecadação de alimentos não-perecíveis em diferentes bairros da cidade, bem como a reflexão crítica sobre a ação das igrejas a favor da vida.

## I Congresso Nacional da AEVB

De 18 a 22 de julho, vai acontecer em Brasília (DF) o I Congresso Nacional da Associação Evangélica Brasileira (AEVB). O objetivo é discernir os rumos da Igreja Evangélica brasileira diante das necessidades e esperanças que caracterizam a atual realidade do País.

A entidade, que se define como representante de todos os evangélicos brasileiros, é dirigida pelo pastor presbiteriano Caio Fábio D'Araújo Filho.

## "EVENTO DEVE GARANTIR DIÁLOGO ECUMÊNICO"

"O diálogo ecumênico deve ser uma das preocupações principais da Jornada, especialmente por causa da grande diversidade dos movimentos religiosos e de sua importância hoje no Brasil e na América Latina". Foi assim que se expressou o pastor cubano Israel Batista, um dos coordenadores do Programa *Echoes*, da Unidade III do Conselho Mundial de Igrejas. O CMI é uma das entidades promotoras da 1ª Jornada Ecumênica, juntamente com o Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese), que será realizada de 11 a 16 de outubro na Fazenda dos Maristas, em Mendes/RJ.

O pastor cubano considera que o evento constitui um dos caminhos para se buscarem novas identidades e caminhos do Movimento Ecumênico. Em sua opinião, a Jornada é uma das iniciativas mais sólidas que tem surgido, não somente em termos de diagnósticos, mas principalmente de pistas". "Em um momento marcado pela reorganização das forças sociais" — acrescenta — "o encontro pode provocar também uma série de processos de discussão e de recomposição do Movimento Ecumênico".

Israel Batista vê como fundamental a presença de católicos e pentecostais, além de representantes e autoridades religiosas da América Latina, para uma troca de conhecimentos e de experiências. "Precisamos buscar pistas para a nova forma de atuar ecumenicamente, levando em conta a diversidade e a existência das novas realidades eclesiais", conclui.



## ASSESSORES CONVIDADOS

Já está confirmada a equipe de assessores que vai coordenar os trabalhos das oficinas da 1ª Jornada Ecumênica. O grupo é composto de teólogos, biblistas, especialistas na área de pastoral, além de acadêmicos. Os nomes são: Milton Schwantes, Paulo Garcia, Paulo Nogueira, Jaci Maraschin, Carlos Cunha, Rubem Alves, Simeu Monteiro, Marcelo Barros, Ernesto Cardoso, Paulo César Botas, José Oscar Beozzo, José Lima (Unidade Cristã); Jung Mo Sung, Sérgio Marcus Lopes, Julio de Santa Ana, Paulo Ayres Mattos, Zwinglio Dias, Roberto van der Ploeg, Elter Maciel, Jether Ramalho, Yara Monteiro, Paulo Schilling, Lais Menezes (Igreja e Sociedade); Ivoni Reimer, Rosa Marga Rothe, Ana Maria Tepedino, Márcia Miranda, Joaquim Beato, Silvia Regina Lima, Ordep Serra, Marcos Rodrigues, Marília Schüller, José Bittencourt Filho, Leonildo Silveira, Oneide Bobsin, Wilson Gomes, Antonio Mendonça (Diálogo Pluricultural).

## ELEIÇÕES E IGREJAS PMDB na caça dos eleitores evangélicos

Íris de Araújo Carvalho Rezende, membro da Igreja Cristã Evangélica em Goiânia e esposa do ex-governador de Goiás, Íris Rezende, é a candidata do PMDB à Vice-Presidência do Brasil na chapa de Orestes Quercia, candidato do mesmo partido à Presidência. Quercia é acusado de estelionato pela Procuradoria da República, a partir de investigações sobre a suspeita de enriquecimento ilícito do ex-governador de São Paulo.

Íris, que nunca exerceu cargos públicos, apresentou-se como "representante das donas-de-casa e dos evangélicos". Ela admite que sua candidatura deverá influenciar o voto desse grupo religioso ao declarar: "Na hora dos evangélicos votarem, vai pesar muito saberem que tem uma evangélica ao lado do presidente da República". (*Folha de São Paulo*, 25/5/94)

## Um alerta aos evangélicos

Segundo dados do Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), há hoje no País 25 milhões de evangélicos, dos quais seis milhões são eleitores, a maior parte influenciada por seus pastores.

No segundo turno da eleição presidencial de 1989, Fernando Collor recebeu a adesão de significativa parcela desse segmento, obtendo 70% de apoio. Paulo Romeiro, do ICP, membro da Assembléia de Deus, alerta que o apoio a Collor e o escândalo do Orçamento serviram para mostrar que nem todos os evangélicos são virtuosos. Romeiro afirma que "há evangélicos que são honestos, mas há outros que vendem apoio político por terrenos e favores".

## DIA 1º DE JUNHO DE 1890 — CHEGADA DOS EPISCOPAIS NO BRASIL

Enviado pela Sociedade Missionária Episcopal, da Igreja Episcopal Protestante dos Estados Unidos, o primeiro missionário episcopal no Brasil, Richard Holden, chegou em fins de 1860. Durante três anos missionou no Pará e Bahia, até entrar em conflito com as autoridades e com bispos católicos, desligando-se, assim, da Sociedade Missionária, que orientava para não entrar em polêmicas.

Foi, porém, no final de 1889 que os missionários Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris chegaram ao Brasil para estabelecer trabalho permanente. Como o estado do Rio Grande do Sul não fora ocupado por outras missões, eles

decidiram trabalhar aí. Em junho de 1890 iniciaram cultos regulares dentro dos ritos do Livro de Oração Comum. Estabeleceram uma escola e receberam dos presbiterianos (agosto, 1891) uma congregação na cidade do Rio Grande. No início toda a atividade era conversionista.

Do Rio Grande do Sul, expandiram-se para o Rio de Janeiro em 1908 e para São Paulo e Santa Catarina em 1920. A Igreja Episcopal Anglicana atualmente está ligada à Comunhão Anglicana, e parece ter abandonado a antiga teologia missionária em favor, tanto da teologia difusa e aberta, característica do anglicanismo, quanto da utilização cada vez maior do Livro de Oração Comum como base litúrgica e de fé.

# A opção das igrejas pelos pobres contra a pobreza

Leonardo Boff

As igrejas nos países periféricos que foram um dia colonizados se compunham com o bloco histórico da dominação. Aqui e acolá sempre houve setores eclesiais que apoiavam os nativos, indígenas e negros, mas eram minorias abraâmicas; em seu conjunto as igrejas, com sua presença e atuação, consagravam a ordem, que, na perspectiva dos dominados e vencidos, significava invasão e violência.

Entretanto, na África, a partir da independência e libertação política das várias nações na América Latina a partir dos anos de 1950, e na Ásia, a partir da inculturação do Evangelho naquelas culturas, mais antigas que a cultura ocidental, e particularmente após o Vaticano II (1962-1965), as igrejas foram rompendo seu velho pacto neocolonial. Setores significativos das igrejas foram assumindo as causas nacionais, populares e libertárias. Aqui desempenharam um papel importante os leigos e leigas comprometidos na transformação da sociedade. Foram eles que ajudaram a direção das igrejas (hierarquia) a compreender a nova missão histórico-social do cristianismo em favor dos oprimidos que encontrou sua melhor formulação na conhecida opção preferencial pelos pobres.

## Pastoral libertária

Em razão disso surgiu uma pastoral mais inserida nos meios populares, que assumiu as matrizes da cultura nacional, despontaram bispos e presbíteros, mais pastores que autoridades eclesiásticas, profetas que denunciavam as injustiças sociais e anunciavam mudanças necessárias, militantes cristãos nos vários movimentos eclesiais e sociais ligados a práticas libertárias contra a ordem vigente. As próprias igrejas, como no caso da América Latina, se organizaram internamente de forma que sua atuação significava já uma forma de libertação. Assim emergiam as milhares de Comunidades Eclesiais de Base, nas quais os fiéis vivem sua fé, mas articulada com os problemas da miséria (daí aparece a dimensão libertadora da fé), refletem sobre sua responsabilidade social, elaboram a consciência crítica acerca das causas estruturais da miséria que padecem e organizam suas práticas específicas ou inseridas nos movimentos populares de cunho secular.

Ao lado disso se devem mencionar também os milhares e milhares de círculos bíblicos nos quais o comentário à Palavra de Deus é apropriado pelo povo e se produz uma nova visão da fé menos abstrata e dogmática e mais histórica e ligada ao compromisso ético da justiça e da solidariedade. A participação de setores importantes das igrejas nos processos populares, de si conflitivos, fez com que muitos fossem perseguidos, presos, torturados e até mortos pelos organismos de vigilância e de repressão do sistema imperante. Quase todas as igrejas do Terceiro Mundo possuem mártires em consequência de seu compromisso evangélico em favor dos pobres e de sua justiça.

## Fome de pão e fome de Deus

A partir dessa realidade, constituída de práticas histórico-sociais, emergiu um tipo de reflexão que se denominou Teologia da Libertação. No campo católico ela pressupõe a abertura feita pelo Concílio Vaticano II com referência ao mundo moderno, às culturas, à ciência e à técnica, e às questões do desenvolvimento dos povos. Essa abertura vivida concretamente nas condições do Terceiro Mundo mostrou que a ciência e a técnica não são apenas instrumentos mediante os quais o ser humano se assenhora da natureza, mas que constituem os instrumentos principais da dominação dos países avançados sobre os técnicos e cientificamente atrasados; revelou também que o desenvolvimento é pago pelo subdesenvolvimento dos

países situados na periferia do império capitalista; deixou claro também que não há apenas o mundo, mas um verdadeiro submundo da miséria e da injustiça social. A recepção do Vaticano II no contexto do Terceiro Mundo permitiu o surgimento da Teologia da Libertação no ambiente católico. A questão axial não é mais a articulação ciência—

fé, homem adulto e secularizado— Igreja, mas fé—injustiça social e evangelho—sub-homem e subdesenvolvimento. A fome de pão unida à fome de Deus faz surgir a libertação como forma de, na força da fé, conseguirmos a transformação social que garanta o pão para todos. Na América Latina foi, portanto, a percepção da miséria econômico-social como consequência do desenvolvimento nos moldes capitalistas que criou as condições do surgimento da Teologia da Libertação.

Na África a miséria, possivelmente, é ainda maior que na América Latina. Mas as condições histórico-sociais são outras. A preservação das culturas nativas invadidas e submetidas pelo projeto colonizador europeu e pela virulência da ciência e da técnica moderna fez com que os cristãos elaborassem uma teologia de libertação que garantisse as raízes culturais da população e, ao mesmo tempo, a arrancasse da pobreza antropológica que a oprime. Na Ásia o grande desafio é apresentado pelas religiões, em sua grande maioria pouco sensíveis às mudanças histórico-sociais; mas elas possuem vertentes e intuições que podem ser desenvolvidas numa linha de libertação concreta. É por este caminho que se abre um diálogo e uma colaboração frutuosa com o cristianismo que, face à miséria coletiva e à força da experiência religiosa, assumiu sua função social libertadora.

(Texto extraído da Revista "Concilium" n. 219, 1988).

**Na África, a partir da independência e libertação política das várias nações da América Latina, e na Ásia, a partir da inculturação do Evangelho, as igrejas foram rompendo seu velho pacto colonial**



Gai Mui-Song / The Bible through Asian eyes

# Ver a Índia com os olhos de Deus

Vivemos numa terra atormentada por contínuas crises étnicas e culturais, pela violência, pelos conflitos entre as diferentes comunidades, pelo ódio e pelas tensões lingüísticas, tais como se manifestaram recentemente em vários lugares do nosso país. Ficamos cientes também de que a humanidade agarra-se ainda na esperança de uma sociedade nova e justa. Há também tentativas animadoras de integração nacional da Índia, de diálogos e encontros inter-religiosos, de promoção cultural que progrediu entre os oprimidos, em especial, no que diz respeito aos seus direitos inalienáveis como seres humanos.

## O sistema de castas

Um dos sistemas mais opressivos em nosso país é o das castas. Os líderes, que possuem interesses adquiridos, dividem e oprimem os pobres escorandose nas numerosas castas e subcastas que se estabeleceram ao longo do tempo, e há quem as faça remontar até as "Escrituras Sagradas". Uma vez quebrada a unidade dos pobres e eliminada qualquer forma de cooperação, é relativamente fácil explorar as castas inferiores, pois as castas superiores acham psicologicamente intolerável colaborar com as inferiores, e deixar em paz os Harijans. Após aceitarem os outros como superiores, elas se comportam de maneira conseqüente: demonstrando-lhes respeito e acatamento, honrando-os, aceitando suas pretensões de superioridade e, portanto, fortalecendo e perpetuando o ciclo completo de sua exploração.

Atribuindo a causa principal de todas as desigualdades e misérias existentes a uma vida passada, que não pode ser comprovada nem reconstruída, as injustiças que derivam da desigualdade entre as castas tornam-se insuprimíveis em virtude dos interesses adquiridos. A crueldade praticada pelos opressores aparece, portanto, moralmente justificada. É causa de uma profunda exploração e fonte de sofrimentos indizíveis e desmerecidos.

## A opressão das mulheres

A estrutura patriarcal, que ainda prevalece, garante a subordinação e a exploração das mulheres, quer elas pertençam às classes trabalhadoras quer às superiores. O costume humilhante do dote é uma das mais penosas expressões do fato de que a mulher é considerada um objeto de posse que passa de um proprietário (a família da moça) para outro (a família do marido). Aliás, no âmbito familiar, uma mulher deve conformar-se aos desejos de seus pais e

dos irmãos, e, em seguida, à vontade do marido e dos parentes adquiridos.

Os meninos vão à escola e se tornam dominadores e autoritários, enquanto as meninas permanecem sem instrução e apagadas. O motivo pelo qual as mulheres constituem mais de dois terços dos analfabetos indianos depende principalmente desta situação forçada. Se uma mulher é obrigada a transcorrer boa parte de sua vida entre as paredes domésticas, como pode participar na vida social ou dar outra contribuição qualquer de destaque?

Também a Igreja é influenciada por esta cultura. A Igreja indiana tem muito em comum com as antigas tradições judaicas e indianas, sendo ambas em sua maior parte patriarcais. Tudo isso impede que as mulheres assumam papéis de liderança na comunidade.

Apesar da opressão a que as mulheres sempre foram submetidas, existe atualmente entre elas uma consciência emergente de sua dignidade humana e capacidade intelectual que as incentivaram a reivindicar seus direitos à instrução, à possibilidade de trabalhar, a tomar decisões, etc.

## As conseqüências do desenvolvimento científico e tecnológico

A ciência e a tecnologia modernas, de origem ocidental, representam a força principal de transformação da sociedade indiana. A Índia é um dos países que tem o maior número de pessoal científico e técnico especializado no mundo. Todavia, um bom número desses especialistas não se ocupa das necessidades e aspirações de nossa pobre população rural e urbana. A instrução elitista que receberam, juntamente com as exigências do progresso capitalista, os leva a preferir políticas de orientação científica e tecnológica. O impulso à modernização tem determinado um desenvolvimento industrial intensivo no molde capitalista com tecnologia de alto nível, que às vezes se manifesta com embasamento urbano, mas que é incapaz de atingir a séria situação de desemprego que está prevalecendo no país.

Parece evidente que os beneficiários desta ciência aplicada na Índia são os grandes complexos industriais e os seus aliados na administração pública e nos partidos políticos que os controlam e que dependem deles, e a burguesia. As vítimas, naturalmente, são os pobres e os oprimidos.

## A análise sociocultural na elaboração teológica

A elaboração teológica é o processo de percepção e de resposta na fé à realidade



**O ponto de partida de nossa teologia deve ser a experiência da realidade comum aos povos, os entusiasmos e as agonias de sua vida, e as tentativas de descobrir o verdadeiro sentido de sua existência**

de sociocultural concreta com a sua história particular marcada por várias formas de opressão, agitação e movimentos de libertação. Isso requer uma compreensão crítica da realidade sociocultural que deve ser transformada. Nesta transformação, as ciências sociais desenvolvem um papel significativo e indispensável. Tendo à disposição a possibilidade de escolher entre diversos esboços de análise sociocultural, devemos resolver a questão da adequação dos métodos à nossa situação.

À luz destas análises, o teólogo indiano, agora, é chamado a olhar de uma maneira nova a tarefa da elaboração teológica. Estamos cada vez mais convencidos de que a teologia deveria ter um enfoque mais holístico, voltado para o processo histórico e escatológico da atividade auto-reveladora do Deus que continua a manifestar-se em nosso tempo.

Ao mesmo tempo, sentimos também que uma teologia adequada aos nossos tempos deve ser aberta essencialmente para perspectivas e esperanças das outras igrejas, religiões e ideologias e, além disso, deveria esforçar-se para integrar tudo aquilo que descobre de autêntico e salvífico, prescindindo de sua proveniência.

## Vários níveis de elaboração teológica

Neste esforço de dar forma a uma teologia relevante, nós acreditamos que o ponto de partida de nossa teologia deva ser a experiência da realidade comum aos povos, os entusiasmos e as agonias

de sua vida, assim como as tentativas de descobrir o verdadeiro sentido de sua existência. Por conseguinte, o acento não deveria ser colocado sobre a *theologia* (sistema de ensino) mas sobre a *theo-praxis* (teologia vivida), em que a palavra *theos* está voltada e se refere àquela transcendência fundamental da humanidade que se exprime na busca inesgotável e inarticulada do sentido mais profundo da vida.

A formulação inicial da teologia, embora incompleta, acontece portanto por obra dos próprios povos na sua busca do sentido último de sua luta pela vida e sobrevivência.

A esta altura, a teologia se torna a reflexão sobre o nosso empenho em favor da libertação do povo. A teologia é a ciência de Deus, o qual se interessa e é envolvido nos acontecimentos da terra e de seus habitantes. Ele escuta a invocação do povo cuja aflição ele enxerga. É um povo que Deus quer libertar, por isso desce em busca de colaboradores. Assim, segundo a Bíblia, a expressão "Aquele que escuta o grito dos oprimidos" é como que o nome próprio de Deus.

Se enfocamos o teólogo nessa perspectiva, achamos difícil pensá-lo sem que participe nas lutas e nas aspirações dos povos. Ele deve tornar-se como que uma mesma pessoa com os oprimidos, os últimos, os perdedores e os humildes. Deve compreender a realidade de sua situação e ver a "totalidade" de sua perspectiva e de seu desejo de vida, permitindo-lhes exprimir mais clara e significativamente o mundo de suas aspirações.

Tomando conhecimento da triste situação de milhões de nossos irmãos e irmãs a quem é negada a dignidade humana, ficamos na forte convicção de que nosso trabalho teológico deve começar com nossa solidariedade, manifestada com gestos que toquem e salem as feridas de uma humanidade que sangra, na qual enxergamos o Corpo de Cristo. É por isso que nós estamos extremamente interessados em compartilhar esta convicção, de modo que todos possamos tomar parte na luta para realizar uma sociedade livre e fraterna sobre a terra. Para esse fim, na verdade, ele, que é a esperança dos desesperados e a fortaleza dos débeis, veio a este mundo, sofreu, morreu e ressuscitou.

(Trechos do Documento da Associação Teológica da Índia, publicado em "SEDOC Internacional", n. 204, setembro-outubro/1987).

# Teologia africana e Teologia da Libertação

Thor H. Hovland

Tornou-se comum, hoje em dia, falar sobre teologias da libertação no plural. As diversas teologias da libertação incluirão a sul-americana da libertação, a negra norte-americana, a sul-africana, a feminista e a africana (possivelmente ainda outras, como a rastafariana das Antilhas, a índia norte-americana, *minjung*, *water-buffalo*, etc.).

A teologia da libertação sul-americana caracteriza-se por sua forte ênfase nos pobres e nas precárias condições econômicas do povo. A teologia negra se caracteriza pela predominância da questão racial e da desigualdade social, ao passo que a teologia feminista se preocupa primariamente com o sexismo e a desigualdade entre homens e mulheres.

Será que a teologia africana pertence a esse grupo? Não automaticamente. Pode-se falar da libertação do imperialismo cultural ocidental. Entretanto, vários teólogos africanos alegam que a teologia africana abrange um campo muito mais amplo. O fundamento da teologia africana não é uma crítica negativa da cultura e filosofia ocidentais, mas uma avaliação positiva de sua própria cultura e filosofia africanas.

Isso levou à crítica da teologia negra por parte de John S. Mbiti. Segundo ele, a teologia negra é demasiadamente negativa, limitada em seu foco e carente de fundamento bíblico adequado.

Por outro lado, um representante da teologia negra sul-africana, Manas Buthelezi, alegou que a teologia africana é, em sua maior parte, um produto das necessidades dos missionários (brancos), "uma solução para problemas oriundos dos seus próprios complexos psicológicos". Trata-se de uma abordagem etnográfica, e não antropológica.

## Distinção entre evangelho e reflexões teológicas

Desmond Tutu tem sido uma espécie de intermediário, resolvendo as divergências ao salientar que a situação na África do Sul e no restante da África é de fato diferente. Ele distingue rigorosamente entre o evangelho (puro) — o qual é universal — e reflexões teológicas — as quais são particulares e contextuais.

Tutu pensa que a teologia negra e a teologia africana concordam no que tange à contextualidade e particularidade.

Desde a ocorrência desse debate, ambas as teologias avançaram. A teologia sul-africana vem incorporando cada vez mais idéias da teologia da libertação sul-americana e da teologia

## O fundamento da teologia africana não é uma crítica negativa da cultura e filosofia ocidentais, mas uma avaliação positiva de sua própria cultura e filosofia africanas

feminista. A teologia africana tem procurado cada vez mais incorporar formas de pensamento (ou filosofia) africanas com o objetivo de produzir uma teologia africana completa e sistemática. Existe ainda certa hesitação em se deixar influenciar pela teologia negra, a qual é considerada demasiadamente tendenciosa em termos políticos.

A teologia africana necessita, por isso, de uma mediação diferente daquela da teologia da libertação sul-americana. A sociologia do conhecimento não se apresenta como opção promissora. Mas este é especificamente o desafio crucial para a teologia africana: será possível ou permissível apreciar uma compreensão correta da realidade revelacional na tradição africana? As opções promissoras estarão antes na linha da teologia natural, da teologia antropológicamente informada ou da teologia filosófica africana.

Não é por acidente que dois nomes centrais na teologia africana de fala inglesa e francesa, John S. Mbiti e Vincent Mulago, respectivamente, escreveram livros intitulados "African Religions and Philosophy" e "La Religion Traditionelle des Bantu et Leur Vision du Monde".

Não devemos esquecer, entretanto, que a religiosidade e a cosmovisão africanas jamais foram formuladas em considerações teóricas ou abstratas, mas têm sido expressas em contos, símbolos, danças e experiências reais.

## Dois aspectos da realidade

Há particularmente dois aspectos de uma compreensão africana da realidade que têm sido focalizados na teologia africana. Um deles se ocupa da compreensão dos poderes cósmicos da vida ("participation vitale", cf. Mulago). O outro trata da compreensão do tempo ("sasa versus zamani", cf. Mbiti).

O termo "participation vitale" é uma elaboração da "force vitale" de Placide Tempel. Essas expressões suscitaram debate, e não podemos considerar os detalhes nas presentes considerações. Mas, de modo geral, a idéia é que a

cosmologia africana (a qual também cobra a ontologia africana) entende toda a realidade como estando permeada pelos poderes cósmicos da vida ou participando deles. Esses poderes estão radicados no Deus Criador e continuam a operar graças ao mesmo Deus. Os seres humanos são livres para promover e fortalecer esses poderes ou destruí-los e enfraquecê-los. Essa ontologia africana não é nem panteísmo nem panteísmo. Ela não anula o processo causal natural, físico, mas se dá em paralelo com ele. Podemos tomar o exemplo da enfermidade. Fumar é uma causa natural do câncer nos pulmões. Entretanto, há fumantes que nunca contraem câncer do pulmão. A razão para tal deve ser que as pessoas participam de poderes cósmicos da vida que impedem que elas sejam acometidas pelo câncer.

A compreensão do tempo também é diferente das percepções européia e indiana, não sendo nem linear, nem cíclica. O tempo não é algo que passa por nós de modo a desaparecer no passado. O tempo é, antes, algo que nós criamos ao agirmos. Há tempo para as (pequenas) tarefas que executamos durante um dia e para as (grandes) tarefas que levamos a cabo ao longo de uma vida inteira. O espaço de tempo menor (*sasa*) relaciona-se diretamente com nossas experiências pessoais, ao passo

## A teologia africana visa criar uma ponte entre seu ponto de partida africano e a experiência bíblica da realidade

que o espaço de tempo mais prolongado (*zamani*) em princípio não está limitado por quaisquer horizontes. O futuro não existe, nem mesmo como uma percepção, e o passado é apreendido na medida em que é (novamente) desempenhado no presente.

Em suma: teólogos africanos empregam as tradições africanas como fonte para a teologia africana, apesar de haver grandes divergências sobre como levá-lo a cabo. Isso tem por consequência que todos utilizarão a participação na realidade e a experiência presente dela como seu ponto de partida, sendo as tradições africanas seus referenciais epistemológicos.

A teologia africana visa criar uma ponte entre seu ponto de partida africano e a experiência bíblica da realidade, com a pressuposição ontológica implícita de

que os poderes cósmicos da vida são os mesmos para ambas, e com a pressuposição hermenêutica de que o tempo experimentado da Bíblia pode fundir-se com o tempo experimentado dos africanos num tempo ilimitado comum.

Este resumo pode ser esquematizado da seguinte maneira:

a) A epistemologia da teologia africana intui que a realidade só pode ser entendida mediante a experiência participatória (particularmente por meio de rituais e símbolos).

b) A ontologia intui que a realidade é holística — sem uma divisão clara entre matéria e espírito —, e nela os poderes cósmicos da vida desempenham papel decisivo.

c) A hermenêutica intui que uma pessoa interpreta a Bíblia corretamente se ela participa da experiência adequada. A teologia ocidental tem interpretado a Bíblia com base na experiência grega e européia-ocidental, ao passo que a experiência africana não foi contemplada com um lugar na reflexão teológica. É importante modificar essa unilateralidade para que a teologia cristã não se torne herética.

## Contribuição ao debate teológico

A teologia africana provavelmente está mais próxima das primeiras reflexões sobre teologia do que qualquer outra teologia contemporânea. Quando analisamos a obra das primeiras gerações cristãs, podemos ver que a filosofia grega não foi adaptada com facilidade para servir à teologia cristã. Tem-se levantado a questão se os apologetas cristãos cederam demais ou não às formas de pensamento e à cosmovisão gregas. A mesma pergunta pode ser dirigida aos teólogos africanos: será que aquela característica particular do cristianismo como religião revelacional e histórica recebeu a devida consideração? Será adequado concluir que participamos do poder da vida de Cristo da mesma maneira como participamos dos poderes cósmicos da vida? Será apropriado concluir que tipo de pessoa é Jesus Cristo — concluir por fim que ele é nosso ancestral — baseados em nossas experiências pessoais?

Não tenho dúvida de que a teologia africana de um modo geral, e a cristologia em particular, fornecerão insusos inéditos para o debate teológico, especialmente por serem diferentes de outras teologias da libertação, e trarão sua própria contribuição.

(Trechos do texto publicado na revista "Estudos Teológicos", n. 33(3), setembro/1993).

# Culturas indígenas e evangelização: desafios para uma missão libertadora

Bartolomeu Meliá

A cristianização da “gente da ilha” é uma questão que se apresenta já no primeiro dia em que Colombo pisou esta terra. Ela surge num contexto que marcará repetidamente os inícios da maioria dos processos de cristianização nas terras da América. Colombo registra em seu *Diário*: quinta feira, 11 de outubro de 1492: “enfim, tudo tonavam e davam daquilo que tinham com boa vontade, mas me pareceu que eram gente de todo pobre... E creio que logo se fariam cristãos, pois me pareceu que nenhuma seita tinham. Eu, se aprouver a Nosso Senhor, levarei daqui, ao tempo de minha partida, seis a Vossas Altezas para que aprendam a falar (sic)”.

Parece-me que nesse primeiro dia de Colombo está representada, metaforicamente, a questão essencial da cristianização das culturas indígenas e os quiproquós que ela provocaria através da história. É a questão do pobre, do pagão e do bárbaro. Tratando-se de culturas indígenas e de evangelização, todos temos nosso “primeiro dia de Colombo”.

A história foi mostrando, contudo, que até hoje o que eu chamo de “primeiro dia de Colombo” é uma síndrome que caracteriza a situação de quem se propõe a cristianizar. As culturas indígenas, com sua “pobreza” — que veremos não ser tão pobre assim —, com seu “paganismo” e “barbárie”, continuam nos fazendo reviver o primeiro dia de Colombo.

## Finos ateístas

Pode-se perguntar como Colombo, no espaço de um dia, pôde chegar à conclusão de que aquela gente não tinha seita alguma. A negação de religião ou “seita” entre os índios pode ser atribuída a uma conclusão precipitada ou a uma deficiência da observação etnográfica. Quem chegasse hoje a Ena-uenuaué, aldeia aruaque de Mato Grosso — e os taínos que Colombo encontrou eram aruaques —, quando os homens estão em seu acampamento de pesca, dificilmente observará manifestações religiosas. No entanto, poucos dias depois, na aldeia, dá-se lugar, pública e manifestamente, a rituais que ocupam mais de doze horas por dia, cerimônias de grande plasticidade...

O cristão da Idade Média e o da época moderna deviam ter uma dificuldade especial para perceber uma religião sem imagens e representações plásticas. Há casos em que a religião indígena parece até querer esconder-se, permitindo que se levantem dúvidas acerca de sua própria existência; é que os indígenas preferem que se introduza algo inteiramente novo, desde que não seja

no lugar de sua religião, preservada em outro âmbito: o de seus costumes e o seu folclore.

Em toda a história da Igreja na América, surgiram normas gerais de missão e cristianização que supõem o denominador comum de que as sociedades indígenas são páginas brancas, religiosamente falando, prontas para que sobre elas se escreva qualquer coisa com caracteres cristãos.

Diante da descoberta de fatos e formas religiosas de valor inegável, os pressupostos da *tabula rasa* cederam lugar à categoria hermenêutica da “religião diabólica”, de um diabo que remeda a ação de Deus como um símile. “O demônio, como símile, introduziu (essas crenças e ritos) desde o princípio, para assemelhar-se a Deus” (Calancha, citado por Marzal).

O dominicano Diego Durán, ao notar certas coincidências e semelhanças entre a religião asteca e a cristã, crê poder dizer que “o demônio os persuadia e ensinava, furtando e contrafazendo o divino culto, para ser honrado como o deus, porque tudo se mesclava com mil superstições” (citado por Todorov).

A necessidade criada de descobrir e desbaratar a sutil ambigüidade dessas obras do demônio travestido de anjo de luz motivou indagações e descrições dos ritos pagãos que, por fim, resultaram em muito boas etnografias religiosas, ricas de detalhes específicos diferenciadores, segundo o princípio do próprio Durán: “Jamais poderemos fazê-los (aos índios) conhecer de veras a Deus enquanto não tivermos cortado deles, pela raiz, tudo o que cheire à velha religião dos antepassados” (citado por Todorov).

Mas as religiões indígenas puderam entrar em certo diálogo com o cristianismo graças às ineludíveis analogias existentes entre ambos os tipos de religião. Esses elementos analógicos, positivamente avaliados, suscitam uma explicação que postula uma “pregação primitiva”. Surge assim a lenda da vinda e pregação do apóstolo São Tomé à América. É um tema que aparece sobretudo quando se tem de justificar os admiráveis e surpreendentes êxitos de algumas missões. A tradição de um herói chamado Pa’i Zumé levava a pensar por homonímia em São Tomé (Montoya).

Se, por um lado, a exigência concei-

Para ser cristãos, os índios deixaram de converter-se ao “cristianismo”



tual de uma pregação apostólica explícita na origem das religiões indígenas levava ao reconhecimento de alguns de seus valores, era, contudo, uma sutil negação de sua identidade e autonomia.

As religiões indígenas, na prática e na teoria pastoral, eram destinadas simplesmente a ser substituídas.

Se a religião indígena chega a se inculturar em uma sociedade cristã — e chega assim a uma forma de religião cristã —, isso se dá graças a um processo que consegue ser fiel aos grandes valores de seu sistema cultural, que, por analogia, podemos chamar de evangélicos. Até que ponto a Igreja Católica, com seu aparato institucional, produtor de normas de pensar e comportar-se, e seus agentes de pastoral a serviço da pregação e organização social contribuíram ou estorvaram o processo de inculturação é uma das questões mais críticas da história do cristianismo na América.

## Aprender a falar

O processo de cristianização da América não podia deixar de passar por uma instância privilegiada da comunicação que é a língua. O fato de Colombo anunciar a necessidade de os índios aprenderem a falar, imediatamente depois de sua constatação da ausência de religião nesses mesmos índios, não é casual nem mera justaposição de impressões. “Colombo — comenta Todorov — desconhece a diversidade das línguas. E isso, diante de uma língua estrangeira, só lhe deixa duas possibilidades de comportamento complementares: reconhecer que é uma língua, mas negar-se a crer que é diferente, ou reconhecer sua diferença, mas negar-se a admitir que é uma língua”.

Uma sociedade não estará inteiramente colonizada enquanto não se colonizar sua língua, seja por simples substituição de uma língua por outra, seja pela introdução de um tipo de divisão lingüística no seio da própria língua que estabelece uma variedade alta e dominante com relação a uma variedade baixa e dominada.

O povo indígena tem que “aprender a falar” porque não sabe... É a famosa ignorância religiosa do povo, porque tem outra linguagem. Negada ou redu-

zida a religião indígena, também se nega ou reduz a língua indígena, tão inextricavelmente religiosa na quase totalidade das línguas indígenas.

## Dão tudo: a economia da reciprocidade

Pagãos e bárbaros, os habitantes das ilhas descobertas eram, além de tudo, generosos, e a isso chamou pobreza. “Tudo tomavam e davam aquilo que tinham de boa vontade, mas me pareceu que eram gente de todo pobre” (Colombo, 12/10/1492). Mais que o andar nus, o não ter religião, o não saber falar, é desconcertante e imprevisível que esses homens dêem tudo por nada. A propósito desse traço e qualidade dos índios, brotam da pena de Colombo os mais surpreendentes comentários. “Tudo o que têm dão por qualquer coisa que se lhes dê, até os pedaços das escudelas e das taças de vidro resgatavam” (13/10/1492). “Não têm cobiça do alheio” (26/12/1492).

O que Colombo descreve, sem ao menos suspeitar, é uma economia de reciprocidade, na qual a comunicação de bens é regida pelo dom e cuja orientação fundamental é a reprodução do dom e a generalização do dom. A economia de reciprocidade estava — e em grande medida ainda está — regendo a maioria das sociedades indígenas da América.

A generosidade do dom era tão estranha e extraordinária para os europeus que os fez imaginar-se a si mesmos como gente vinda dos céus e filhos de deuses.

É assim que o cristianismo se perde, não sabendo interpretar nem seguir sua própria “carta de navegar”. Não consegue entender que esse *mare ignotum* não é outro senão o *mare nostrum* tão procurado por suas próprias irmandades desde a Idade Média, que sonhavam com comunidades ao modo dos primeiros cristãos, em que “todos os crentes viviam unidos e partilhavam tudo o que tinham (...) e repartiam de acordo com o que cada um deles necessitava” (At 3.44-45).

Porém o que os cristãos e seus missionários de fora nunca conseguiram foi alcançado pelas próprias comunidades indígenas. Elas, junto com o *sensus fidei*, captaram o *sensus caritatis* e não abandonaram, mesmo tornando-se cristãos, a sua economia de reciprocidade como princípio humano e religioso. Para ser cristãos, deixaram de converter-se ao “cristianismo”.

(Trechos do artigo publicado na coletânea “Culturas e Evangelização” de Paulo Suess (org). Ed. Loyola, S. Paulo, 1991)

# Ecumenismo e diferença — II

Joanildo Burity

O ecumenismo crê na unidade da verdade. Como também acolhe a diversidade e a censura, o entrincheiramento e a intolerância em nome da posse única da verdade. Ressalte-se a segunda atitude, pois é condição para se falar de qualquer relação com a diferença que seja genuinamente positiva e não puramente tática ou instrumental. Mas há dois problemas com tal atitude. Primeiro, tende a reproduzir padrões ocidentais de tratamento da diferença em termos de condescendência paternalista e de uma pretensão de inclusividade. Neste caso, a fé na unidade da verdade sugere acolher qualquer que seja a diferença, sob a alegação de que não passa de mais uma versão do drama humano e da relação com o transcendente.

Gostaria de partir de outra posição: a de que não existe uma única e originária verdade, que se disseminou e distribuiu, desigualmente, por certo, mas por toda parte, deixando atrás de si a possibilidade de um caminho comum. Alguém objetaria que se há revelação divina, tem que haver uma origem única e comum da verdade. Mas, e se a revelação não simplesmente iluminar, 'des-cobrir', mas também 're-velar' ('re-cobrir', esconder), deixando uma zona cinzenta de mistério e incompreensão que abriga o divino de ser despoticamente apropriado por quem quer que seja? Neste caso, a brecha entre Deus e o homem, no que se refere à posse da verdade, é intransponível. Nem mesmo a encarnação a resolve inteiramente, pois aí a máxima aproximação não escapa à morte, à separação entre Deus e homem. A vinda do Espírito não fecha a brecha tampouco, pois transfere, para uma convicção íntima de se manter uma relação justa e verdadeira com Deus, a resolução da distância entre Deus e homem. Mas quem seria o árbitro visível dessa consciência?

## Verdade e diferença

Por causa dessa distância, a verdade migra e escapa sempre. Ninguém a pode conter e utilizá-la como um instrumento de união ou separação de forma absoluta. Neste caso, vista histórica e humanamente, a questão da verdade se desloca para múltiplos lugares, sem se deixar reduzir a nenhum. Mais radicalmente, a verdade não existe previamente ao momento de seu reconhecimento, que é também o de sua "criação". Para voltar ao tema da diferença, uma compreensão da errância da verdade, que seria central para o pensamento

ecumênico, pede, por outro lado, algumas reflexões que este nem sempre esteve preparado para fazer.

Sugerimos, assim, que a pluralidade seja vista de uma dupla maneira. Por um lado, nenhum grupo humano possui, em si mesmo, ou por "direito adquirido", o privilégio da verdade, e está sempre às voltas com outras concepções da fé e da vida, que o impedem de realizar seu "projeto" inteiramente (às custas dos demais). Os grupos interpelados a participar de um diálogo ecumênico nunca trazem para esse contexto identidades previamente definidas, consolidadas e autônomas. Se assim fosse, nenhum diálogo seria possível, somente um litígio permanente, que só se resolveria pela "vitória" do mais forte. O diálogo ecumênico é possível porque a condição humana é de contingência, incompletude e imperfeição, e a verdade de cada um não se basta. Aí, o encontro, a articulação concreta desses grupos, modificará a identidade de cada um deles, criando um espaço que é diferente das identidades particulares dos grupos. Espaço esse cuja forma de inspiração é mais importante do que a possibilidade de se chegar "lá", pois o ideal de comunicação indistorcida, ausência de assimetrias e experiência imediata de Deus, é impossível e inalcançável.

## Pluralidade e diferença

Por outro lado, a pluralidade continua a ser um problema. A ingenuidade é a de que a diferença é apenas um momento de um todo maior, e que portanto, no fundo, é artificial, ou superável. Ora, só se pode entender a diferença em relação a algo que não pode ser assimilado, unificado, identificado. Assim, não é possível para qualquer projeto político ou teológico incorporar todas as diferenças num todo "comum". Parece-me, entretanto, que esta continua sendo a pretensão de alguns setores do movimento ecumênico. Mesmo valorizando-se a pluralidade, ou, devido à crise atual de referenciais e modelos, buscando-se discernimento antes do julgamento das diferentes visões que circulam, colidem ou se relacionam concretamente, ainda se acredita que as diferenças podem ser articuladas porque são apenas derivações de um grande universo da verdade.

Ora, qualquer projeto ecumênico terá que emergir, não de uma pressuposição da unidade fundamental da raça humana, ou da verdade revelada, mas da finitude, contingência e imperfeição de qualquer conquista humana. Trata-

se acima de tudo de nos libertarmos do peso de salvar a história, de nos apresentarmos como os (novos) portadores do "grande" projeto de libertação.

Os cristãos têm um modo específico de articular essa visão de libertação que não somente se delimita em relação a outras, mas não se reduz a nenhuma delas, e até exclui certas visões como inaceitáveis. Pretender acolher toda e qualquer diferença é tão ilusório e ingênuo quanto é autoritário forçá-las a se amoldarem à nossa visão particular

## Se a fé cristã deixa de ser a única referência para o ideal ecumênico, ela não pode perder a sua especificidade no encontro com o outro

da verdade. Porque nem tudo é cristão, o ideal ecumênico será, por um lado, diferente de um "projeto cristão", e por outro lado, não admitir diferenças que o subverteriam e impediriam de se desenvolver. É claro que o "instinto de sobrevivência" ecumênico muitas vezes percebeu isto. Mas dificilmente incorporou esta reflexão à raiz de sua concepção do outro, da diferença.

## A questão da cultura

Isto poderia ser aplicado em outro contexto: o do debate sobre a questão cultural no Brasil e as igrejas cristãs. Há de um lado, um processo extremamente importante e válido de reconhecimento, pelas igrejas, de grupos específicos, como as mulheres, os negros e os indígenas, que há séculos contribuem, sob forte controle e às vezes aberta discriminação e repressão, para a tarefa evangelizadora da igreja. Esse reconhecimento vai desde a abertura de espaços de participação até a aceitação da importância das questões específicas desses grupos e de sua maneira própria de experimentar a fé e a Palavra de Deus. Por tanto tempo pasteurizados numa visão de que "em Cristo" não há diferenças, ou em tiradas populistas como no caso da idéia católica da supervalorização da mulher em Maria ou da idéia protestante do sacerdócio universal dos crentes (que são mecanismos de escapar à questão do lugar e papel da mulher em condições de igualdade com o homem, nas igrejas), esses grupos enfim brigam pelo seu lugar "em Cristo".

Por outro lado, vejo uma enorme confusão no processo de recepção dessa contribuição. A tendência sincrética de "batizar" tudo o que diz respeito às manifestações religiosas africanas ou indígenas, por exemplo, é um desserviço ao ideal ecumênico, quer por pretender incorporar o que é visivelmente diferente — o candomblé, a macumba, a umbanda, etc. —, quer por ignorar os limites religiosos do projeto ecumênico para a fé cristã. Uma coisa é se reconhecer a diferença como irreduzível à visão ortodoxa das igrejas cristãs, como possibilidade de experiência cristã da vida e da fé. Outra, muito diferente, é deixar de manter a distinção entre o que é possível dentro do espaço delimitado pela tradição cristã. Tal fronteira, para usar um termo carregado, é definida "politicamente". Mas não é infinitamente elástica.

## Evangelização: respeito à diferença

O projeto ecumênico, especialmente após a rica experiência do diálogo fé e política dos anos 60-80, tem duas componentes básicas que não se dissolvem necessariamente uma na outra: ele é ainda o projeto da unidade dos cristãos; e é também a busca de caminhos mais solidários e justos para a existência humana na terra. O primeiro não pode ser engolido pelo segundo, nem vice-versa. Neste caso, teríamos sincretismo ou constantinismo, não ecumenismo. Mais: o diálogo inter-religioso, que é uma dimensão intermediária às duas componentes, não pode ser confundido com uma grande "sopa" confessional, em que se perdem todas as especificidades, em favor de uma banalidade religiosa, mística, do tipo "fé em Deus" ou "abertura para o transcendental".

Se a fé cristã deixa de ser a única referência para o ideal ecumênico, ela não pode, por outro lado, perder a sua especificidade no encontro com o outro. Especialmente, não temos que ter vergonha de não sermos "tudo em todos", mas devemos assumir nossa particularidade como um estímulo ao diálogo e à luta pela justiça, paz, e integridade da criação. E porque somos particulares, podemos igualmente, nos reservar discordar do outro, e tentar ganhá-lo, sem imposição, para nossas filiais. Isto não é autoritarismo. É evangelização com respeito pela diferença.

Joanildo Burity é cientista político, presbiteriano (IPU) e atualmente faz doutorado em Ciência Política na Inglaterra.

# Os oprimidos pedem ajuda a Javé

## UM ESTUDO DO SALMO 123

José Adriano Filho

A ti, que habitas nos céus, ergo os meus olhos. Eis, como os olhos dos servos estão postos nas mãos de seus senhores, e como os olhos das servas estão postos nas mãos de sua senhora, assim, os nossos olhos estão postos em Javé, nosso Deus, até que ele tenha misericórdia de nós. Tem misericórdia de nós Javé, tem misericórdia, porque estamos fartos de desprezo. A nossa vida está cheia do escárnio dos acomodados. O desprezo para os soberbos. (Salmo 123.1-4)

O poema "Desaparecimento de Luisa Porto", de Carlos Drummond de Andrade, descreve o desespero de uma mãe parálitica, cuja filha sumiu na cidade do Rio de Janeiro. A situação dessa mãe compara-se à angústia muitas vezes descrita no Livro dos Salmos. Estas situações é que levaram as pessoas em Israel a comparecerem diante de Javé e a reivindicarem sua ajuda. Ele é um Deus solidário e a sua misericórdia é dirigida aos fracos e miseráveis (Dt 4.16; 28.50; Sl 109.12).

O Salmo 123 tem duas partes. A primeira constituída pelos vv.1-2; a segunda, pelos vv.3-4. A expressão "Tem misericórdia de nós", no início do v.3, repetida do verso anterior, forma a ligação entre as duas partes.

A continuidade do pensamento nos vv.1 e 2 está demonstrada pelo "Eis" do início deste último versículo. Nele, as expressões "como", "assim", "até" indicam uma estrutura crescente. Apresenta também dois momentos: o primeiro, "como os olhos do servo", "como os olhos da serva", "assim os nossos olhos"; o segundo, "até que tenha misericórdia de nós". Este segundo momento tem correspondência com o "Eis" do início do versículo.

Os vv.3-4 formam a segunda parte do poema. Unidos pela repetição da expressão "estamos cheios de desprezo", apresentam uma estrutura crescente, marcada por três momentos. O primeiro, "Senhor, tem misericórdia de nós"; o segundo, "estamos cheios de desprezo". A última parte, "o desprezo para os soberbos", assinala a oposição demonstrada na tensão que o texto apresenta para nós — "tem misericórdia", para eles — "o desprezo". São pólos opostos.

O pano de fundo da queixa deste Salmo, à luz dos vv.2-4, consiste num longo período de adversidade. Sua linguagem aproxima-se daquela de Neemias (1.3): "Os restantes que não foram levados para o exílio e se acham lá na província, estão em grande miséria e desprezo"; 2.19: "Sambalá, porém, o horonita, e Tobias, o servo amonita, e

Gesém, o arábio, quando souberam, zombaram de nós e nos desprezaram"; 4.4: "Ouve, ó nosso Deus, como somos desprezados! Faze recair seus insultos sobre sua cabeça. Entrega-os ao desprezo numa terra de escuridão!". A situação daqueles que retornaram do exílio, mas não concretizaram os seus sonhos, provocou risos e escárnio em seus inimigos. Analogamente, no Salmo 123, a exposição ao ridículo e escárnio, à desgraça e à vergonha estão sobre a comunidade que suplica diante de Javé. Os motivos da queixa individual e comunitária se entrelaçam, mas a ênfase maior está na comunidade.

### Os nossos olhos estão em Javé

A primeira parte do Salmo apresenta uma confissão que se desdobra em duas partes: uma dimensão individual — "elevo os meus olhos", e outra comunitária — "os nossos olhos estão em Javé, nosso Deus". A referência ao singular no v.1 deve ser entendida como confissão de um representante da comunidade que fala em seu favor.

Neste Salmo, bem como em outras súplicas do Antigo Testamento, descreve-se a postura física dos suplicantes que olham para aquele que reconhecem como seu ajudador (Sl 28.2; 88.9; 143.6).

Na Bíblia, a expressão "ergo os meus olhos" significa "olhar" (Gn 13.10; 2 Sm 13.34), ou ainda ansiedade, "desejo", "inclinação" (Gn 39.7; 2 Rs 19.22; Sl 121.1). Os suplicantes olham para o céu, onde Javé está entronizado. Este motivo, o reinado celestial de Javé, foi uma das tradições celtas de Jerusalém. Ele é o rei celestial (Is 2.4; 40.22-23), tem o seu trono no panteão dos deuses (Sl 82), manifesta-se como Salvador poderoso. Israel, na sua história, reconhece nele o companheiro do seu povo.

O que foi dito no v.1 é explicado no v.2. O "olhar para Javé" é comparado ao olhar dos servos(as) para a mão de seus respectivos senhores(as).

A palavra "mão" é usada em inúmeras ocasiões no Antigo Testamento. Quando empregada metaforicamente, seus matizes coincidem frequentemente com o significado de braço, indicando poder. Assim, "mão" refere-se ao poder de um homem que domina sobre outros homens (1 Cr 18.3), usa de violência (1 Sm 23.7), castiga (Sl 21.9), salva-se de uma situação perigosa (Js 8.20).

Por sua vez, a expressão "mão de Javé" designa o seu poder irresistível e os atos que dele derivam (Dt 32.39; Sl 32.4; 39.11), sua onipotência que se manifesta na criação (Is 45.12; Jó

### Neste Salmo, encontramos um Deus que se solidariza com os pobres e miseráveis e que repudia os ricos e poderosos

26.13), conservação do mundo (Jó 12.9), ajuda que ele proporciona (Sl 119.173), salvação que outorga (Ed 7.6,9; Ne 2.8,18), e no castigo que inflige (Sl 32.4; 39.11). A expressão "com mão forte e braço estendido" indica especialmente o poder manifesto na libertação de Israel do Egito (Êx 6.1; 13.9; Dt 6.21; Sl 136.12).

Neste Salmo, outro sentido para o relacionamento entre mãos e olhos é aquele de dar o alimento. Vejamos a descrição de Javé no Salmo 104.27-28: "Todos esperam em ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás eles o recolhem, se abres a mão eles se fartam de bens", e no Salmo 145.15-16: "Em ti esperam os olhos todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento. Abres a mão e satisfazes de benevolência a todo vivente". Os dizeres destes versos, comparados à figura de um pai provendo o alimento, também estão presentes no Salmo 123.

Aquele que suplica afirma ser um membro da comunidade que chama Javé de 'nosso Deus'. Esta expressão mostra o relacionamento da aliança em que Deus se compromete em ampará-los e protegê-los.

Subitamente, a calma e espera confiante são interrompidas pela súplica que nos surpreende da forma como é apresentada.

### Estamos cheios de desprezo

Nesta segunda parte temos uma súplica e a explicação para ela. A queixa, em forma de lamentação e tristeza — "estamos cheios do desprezo dos acomodados" —, forma a situação para a súplica.

O tratamento desprezível por parte dos inimigos produz um apelo direto e urgente a Javé. É significativa a frequência com que se fundamentam as orações por meio de "pois" (Sl 25.16; 31.10; 56.2). Isto consiste numa alusão à situação de necessidade (Sl 4.2; 9.14).

Sua adversidade, descrita nos vv.3b-4, mostra insulto acrescentado à injúria: "Estamos saciados de desprezo, a nossa vida está cheia do escárnio dos acomodados". Aqueles que os desprezam não sofrem aflição, pelo contrário, estão em comodidade e soberba, assentados sobre suas próprias riquezas (Am 6.1; Is 37.29; 2 Rs 19.28).

Em algumas passagens da Bíblia encontramos substantivos da raiz "ser alto", em sentido positivo de grandeza e orgulho, sem a conotação negativa de arrogância (Jr 13.9; Is 4.2; 60.15). Mas, quando se chama a Babilônia "jóia e orgulho dos caldeus" (Is 13.9), o termo já tem um matiz de orgulho e arrogância; o mesmo ocorre em Isaías (28.13) quando o profeta ameaça a Samaria e, em Zacarias (10.11), quando se anuncia a queda de Assur. A soberba e arrogância são características dos ímpios. Estes são os que perseguem os pobres com soberba (Sl 10.2); falam com altivez (Sl 17.10), seu colar é o orgulho (Sl 37.6), armam ciladas contra os justos (Sl 140.6). É difícil suportar o desprezo dos opressores.

No Salmo 123, aqueles que suplicam, cheios do escárnio dos acomodados, aguardam a ajuda de Javé e sabem que só ele pode salvá-los dessa situação. Quando Javé intervém de maneira imprevisível, até mesmo lançando desprezo contra os nobres, a sua mão se revela de modo especial (Sl 107.40; Jó 12.21).

No Salmo 123 os suplicantes recorrem a Javé e reivindicam o direito de ajuda. Sua declaração de confiança (vv.1-2) e petição (vv.3-4) reflete a memória histórica de Israel dos atos de salvação de Javé no passado. Por isso, recorrem novamente a ele, esperando a libertação. Apesar de todas as mudanças sociais e culturais, a experiência humana refletida neste Salmo é válida para os nossos dias. "Morte, sofrimento, doença letal, rupturas sociais, abandono, ânsia por Deus, 'a profundidade do ser' (Paul Tillich), tudo isso é conhecido entre nós". Podemos rezar as antigas palavras abstraindo dos traços antigos e obsoletos e, surpreendentemente, o Salmo começa a iluminar uma situação de desespero hoje em dia" (Gersztenberger).

Neste Salmo, bem como em outras partes da Bíblia, muitas lamentações "denunciam inimigos humanos ou demônios. Quer dizer, eles respondem às estruturas de poder reconhecíveis neste mundo perturbado". Nestas passagens encontramos um Deus que se solidariza com os pobres e miseráveis (Dt 4.16; Sl 12.6, e que repudia os ricos e poderosos (Sl 5; 94; 109). A comunidade comparece diante de Javé reivindicando a sua justiça diante dos soberbos.

A sua solidariedade não nos faltará!

José Adriano Filho é mestre em Ciências da Religião e integra a equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

# KOINONIA: compromisso radical com o ecumenismo

Paulo Roberto Salles Garcia

Quando, em 1965, foi criado o Centro Evangélico de Informação — que, depois, veio a se transformar em Centro Ecumênico de Informação —, poucos poderiam imaginar que ali se estava gestando uma comunidade ecumênica a qual teria um papel fundamental no sentido de contribuir de forma efetiva para o fortalecimento do movimento ecumênico no Brasil e na América Latina. Afinal, com a conjuntura política da época — marcada por expurgos, perseguições, “desaparecimentos”, prisões, etc. —, ninguém ousava arriscar um futuro promissor para esse e outros movimentos que almejavam, entre outras conquistas, uma sociedade democrática, igualitária e participativa.

Ou melhor, quase ninguém. Havia grupos de cristãos que, mesmo diante de tantas injustiças e desmandos, acreditavam na utopia da liberdade e na criação de espaços de luta em busca da paz e da justiça. E foram justamente integrantes desses grupos, os quais se renovavam e cresciam a cada momento, os que fizeram nascer o Centro Ecumênico de Documentação e Informação e, dentro deste, a Assessoria à Pastoral Protestante (depois denominada Programa de Assessoria à Pastoral).

Hoje eles também são protagonistas de uma nova entidade, a qual escreve mais um capítulo da história do movimento ecumênico brasileiro, e que se deseja porta-voz, juntamente com outras entidades e movimentos, da Boa-Nova do Reino de Deus. Em assembléia realizada nos dias 9 e 10 de abril, em Itatiaia/RJ, foi constituída KOINONIA — PRESENÇA ECUMÊNICA E SERVIÇO, uma das entidades herdeiras do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). O evento contou com a presença de representantes das principais instituições ecumênicas do País, como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese), além de lideranças de diversas igrejas, colaboradores e assessores.

A nova entidade nasce após uma decisão histórica do CEDI — firmada na assembléia geral de 1993 — de se multiplicar, transformando seus Programas e Projetos Especiais em entidades autônomas. O objetivo foi permitir uma atuação mais efetiva dentro do campo específico de trabalho de cada um. KOINONIA é resultado da aglutinação

de quatro unidades de trabalho do CEDI: Programas de Assessoria à Pastoral (Pp) e Movimento Camponês/Igrejas (MC/I); Projeto Especial Dívida Externa; e revista “Tempo e Presença”.

Para o pastor presbiteriano (IPU) e atual coordenador do Programa de Assessoria à Pastoral, José Bittencourt Filho, é impossível separar KOINONIA da história do Pp, “pois tem a ver com ênfases, descobertas, avanços e conquistas ao longo de treze anos ininterruptos de trabalho, e também com a preciosa herança do movimento Igreja e Sociedade na América Latina, que tornou-se uma referência para nós”. Ao referir-se a tal movimento, Bittencourt assinalou que “valia a pena” herdar um estilo de trabalho e de pensamento que tinha as características de independência intelectual e da perspectiva utópica, como era o caso de ISAL: “Achamos que era legítimo herdar um modo de fazer teologia, que foi próprio desse movimento, naturalmente com algumas reformulações, já que vivemos circunstâncias e contextos novos”.

Paulo Cezar Botas, frei dominicano e um dos assessores do Pp, também considera fundamental recuperar a dimensão utópica do Reino. “Fomos ‘ful-

minados’ por esse projeto de acreditar que um dia a sociedade e as pessoas sejam irmãs e fraternas”.

Segundo ele, é necessário perceber como esse projeto, que passa necessariamente pelo ecumenismo, se faz no aqui e agora, neste “nosso tempo oportuno” (*kairos*). “Para nós, desde o movimento ecumênico, do qual somos frutos, o importante era a afirmação da pluralidade e da diversidade, incluindo religiões não-cristãs. O maior escândalo para o mundo é que nós, cristãos, estejamos divididos”. “Por isso — acrescenta — nós apostamos no ecumenismo, na diaconia, como serviço real ao outro, e na dimensão da comunhão. Não pode existir *oikoumene* sem *diakonia*, e não pode existir *diakonia* sem *koinonia*”.

## Identificação com os excluídos

De acordo com o projeto de KOINONIA, a nova entidade pretende traduzir em ações seu princípio fundamental, que é reafirmar o rosto mais visível da comunidade diaconal e o compromisso radical com o ecumenismo. Os objetivos serão buscados pela presença na sociedade civil, pela identificação e parceria com os historicamente excluídos do sistema, ideológica, política e economicamente, e pela crítica a todas as formas de submissão humana e de todas as idolatrias. Segundo Bittencourt, a proposta de KOINONIA é a de que, “a partir da nossa herança, que é o cristianismo libertário latino-americano e o cristianismo histórico, tentemos refazer a nossa caminhada na direção da luta em favor da dignidade e da cidadania e da solidariedade, valores que o sistema insiste em banir”.

A nova entidade vai contemplar três Unidades Temáticas, a partir das quais orientará suas atividades: Cidadania e Dignidade; Teologia e Pastoral; Ecumenismo e Cultura. Os projetos, que terão prazos predeterminados de duração, estarão

alocados nessas unidades, de acordo com a especificidade de cada um. Entre eles, incluem-se: Aids e Igrejas (desenvolvimento de linhas pastorais em relação à doença, com assessoria às comunidades religiosas); Egbé—Espaço Sagrado (diálogo com as religiões afro-brasileiras na defesa de direitos e na afirmação da diversidade e da pluralidade); Trabalho e Cidadania (assessoria sindical a assalariados, com destaque para novas organizações); além daqueles ligados às áreas de pastoral popular, formação ecumênica, Bíblia, etc. A revista “Tempo e Presença” terá sua continuidade garantida por KOINONIA, que pretende manter o perfil ecumênico que sempre marcou a publicação ao longo de sua história.

A assembléia elegeu o corpo dirigente de KOINONIA, cuja diretoria ficou assim: presidente — Paulo Ayres Mattos (bispo metodista, atual presidente do CEDI); vice-presidente — Almir dos Santos (bispo anglicano); secretária — Maria Luiza Rückert (pastora da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil); tesoureiro — Sérgio Marcus Pinto Lopes (pastor metodista); e vogal — Anésia Nascimento de Jesus (pastora anglicana). A Secretaria-Geral ficará a cargo do líder ecumênico metodista, Anivaldo Padilha.

## Relação com as igrejas

Uma novidade de KOINONIA vai ficar por conta de assessores eclesiais, representantes indicados oficialmente pelas igrejas. A idéia, segundo opinou Anivaldo Padilha, é possibilitar “um espaço privilegiado para compartilharmos preocupações comuns”, além da oportunidade de “estabelecer uma relação orgânica com as igrejas”.

O secretário-geral de KOINONIA está bastante entusiasmado com a nova entidade, apesar de o País viver hoje uma realidade marcada por um modelo econômico totalmente excludente, “que reduz à condição de objetos descartáveis a maioria do povo brasileiro”, e que prega o individualismo e o egoísmo como se fossem virtudes. Segundo Anivaldo Padilha, o entusiasmo “nasce de nossa fé e de nosso compromisso com o Reino de Deus, o qual, sabemos, já está entre nós”.

Paulo Roberto Salles Garcia é jornalista, metodista, e integra a equipe do Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).



Acima: Diretoria toma primeiras providências



Os bispos Paulo Ayres Mattos (esquerda) e Almir dos Santos, presidente e vice-presidente de KOINONIA, na celebração final

# Heróis e canalhas

Certo humorista pergunta a outro: "Qual é o coletivo de heróis?" O outro: "O povo brasileiro!" Nossa história é história de heróis — anônimos em maioria — que resistiram a golpes sempre executados por altos interesses econômicos. De todos eles o mais diabólico foi o de 1964. Chamaram-no de "revolução" e de "redentora". Revolução e redenção da indignidade, da arbitrariedade, da repressão, da calúnia, da baixez, da mentira, da molecagem. Este texto é exemplo. Recolhido em Florianópolis pelo amigo Luís Alberto M. Sabany, data de novembro (1969). Não está assinado. Os canalhas sempre são covardes. Joga lama sobre nomes de pastores e eclesianos.

Passado um quarto de século, aí está a falta de caráter de militares, policiais e civis que, na base de informações desse tipo, ficharam, perseguiram, torturaram, cassaram e mataram cidadãos dignos e honrados, os quais — louvado seja o Senhor! — não traíram a fé, heróis que foram.

Às autoridades do País,

Prezados Senhores:

No intuito de concorrer para o combate à subversão, peço a atenção de Vs.Sas. para as observações que se seguem:

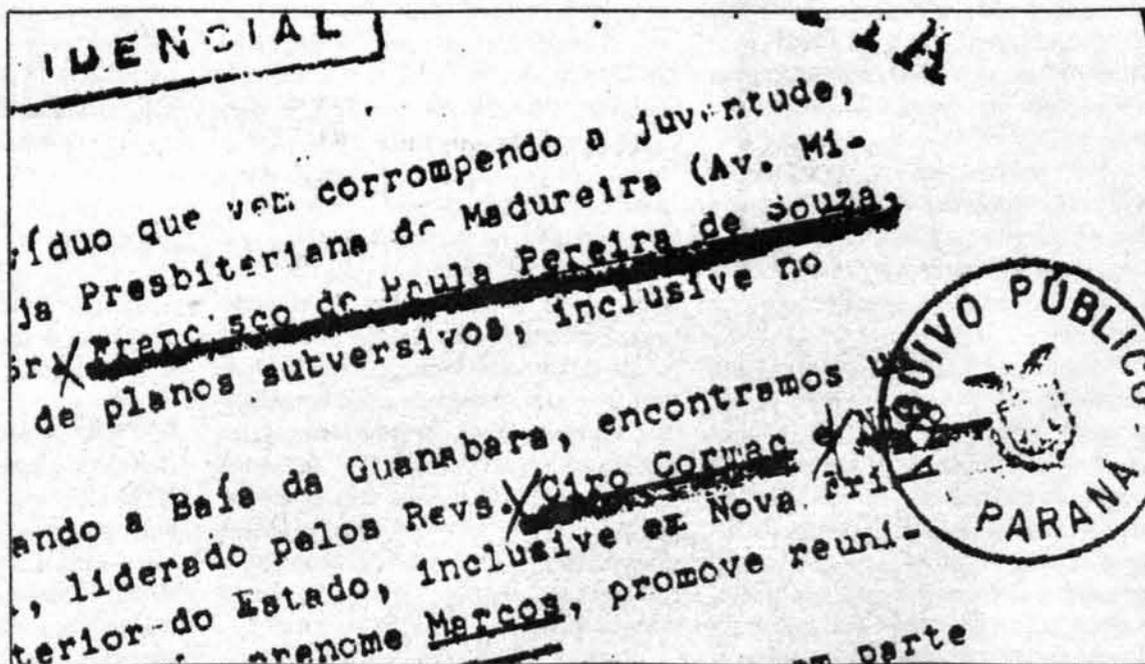
Data de longo tempo a infiltração do comunismo nos meios religiosos do País, tanto no campo católico como no protestante, que, parece ao observador comum, não tem tido a atenção devida das autoridades constituídas.

Há um grupo, talvez pequeno, mas muito ativo, que vem agindo há longa data nas igrejas protestantes, valendo-se das organizações internas e das reuniões da juventude para fazer a subversão. Há algumas dezenas de elementos perniciosos que poderia enumerar. Vejamos os nomes de alguns:

1. Quando eu era calouro na Faculdade, na catequese que os comunistas faziam junto aos estudantes evangélicos, citavam o sr. *Waldo César* (*Waldo Lenz de Araujo César*) como membro militante do Partido Comunista. E esse elemento, embora se eclipse quando a maré está braba, continua agindo ativamente, auxiliado pela mulher, a prof. *Maria Lutz Cruz César*, e até pela filha, que é menor, já posta ao serviço do Demo. Frequentemente ele tem ido ao Uruguai, ao México, aos Estados Unidos e à França a serviço da subversão.

2. Com ele cooperam até altas autoridades eclesiásticas, postas ao desserviço da Pátria, como o bispo *Almir dos Santos*, da Igreja Metodista de Belo Horizonte, que ao deflagrar o movimento redentor de março de 1964, se encontrava em Cuba, a convite e às expensas de Fidel Castro, e conseguiu burlar a vigilância da revolução, regressando ao Brasil via Espanha, e aqui continua agindo sub-repticiamente, ao ponto de haver levado a juventude metodista das Alterosas a profanar o templo da Igreja Metodista Central de Belo Horizonte, numa madrugada, pichando suas paredes internas e seu altar com *slogans* subversivos, em data não remota.

3. Braço direito desse movimento subversivo é o dentista *Jether Pereira*



*Ramalho*, que viaja constantemente pelo País e ao estrangeiro, promovendo reuniões clandestinas e servindo de pombo correio, a serviço da subversão.

4. Doutrinador da juventude é o "pastor" *Carlos Cunha*, que conhecido como elemento da ala chinesa, teve, e talvez ainda tenha, a proteção de missionário norte-americano, no Instituto Central do Povo, na rua Rivadávia Correia, 188, na Gamboa, onde deverá ter excelente campo para "indoutrinar" a juventude.

5. Outro indivíduo que vem corrompendo a juventude, mesmo como pastor que é da Igreja Presbiteriana de Madureira (Av. Ministro Edgar Romero, 314) é o sr. *Francisco de Paula Pereira de Souza*, que tem participado ativamente de planos subversivos, inclusive no Uruguai.

6. Atravessando a Baía da Guanabara, encontramos um grupo de ativistas em Niterói, liderado pelos revs. *Ciro Cormac* e *Nilo Redua*, com ramificação no interior do estado, inclusive em Nova Friburgo, onde um médico anestesista, de prenome *Marcos*, promove reuniões clandestinas.

7. Em São Paulo existe um núcleo de que fazem parte o jornalista *Claudius Ceccon* e a mulher dele, um sr. *Parahiba*, que trabalha na redação de *Veja*, e o prof. *Glauco Lima*, que

põe os seus "talentos" a serviço da corrupção da juventude no Seminário da Igreja Episcopal Brasileira, em Santo Amaro.

8. Em Curitiba, o sr. *José Assan Alaby*, auxiliado pela mulher, há pouco se vangloriava de que já havia conseguido dividir a Igreja e separar a mocidade, para "começar a agir". Na mesma cidade, o sr. *Eber Ferrer* (r. Tibagi, 99, apt/12), trabalha a juventude e é elemento de ligação com o Uruguai.

9. Para o Rio Grande do Sul (Porto Alegre?) transferiu-se o rev. *William Schisler Filho*, metodista, que atende pela alcunha de *Dico*, o qual não estará cuidando de rebanho religioso, ativista que sempre foi.

Creio que todos esses elementos têm muito que contar sobre a sua atuação perniciososa. Todos eles estão ligados a *Paulo Wright*, refugiado no México, e a *Richard Shaull*, retirado do Brasil pela Missão a que pertencia, a pedido de autoridade eclesiástica brasileira, os quais têm ingressado no Brasil, mais de uma vez, para coordenar e financiar a ação subversiva de seus prepostos.

DOPS - Posta Restante da ZC / 37  
Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1969